

Papa Francisco

O Coração fala-nos de Deus

*A importância do discernimento
para os dias de hoje*

Editado por Giacomo Costa, sj

Prefácio de Arturo Sosa Abascal, sj



EDITORIAL A.O.

Título original

Il Cuore Ci Parla di Dio

L'importanza del discernimento per la vita di oggi

© 2023 Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana

© 2023 EDIZIONI SAN PAOLO s.r.l.,

Piazza Soncino, 5 – 20092 Cinisello Balsamo (Milano)

www.edizionisanpaolo.it

Na Capa

Foto de Sharon Waldron (Unsplash)

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º

514021/23

ISBN

978-972-39-0955-5

Abril de 2023

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Prefácio

A importância do discernimento

por Arturo Sosa Abascal,
Superior Geral da Companhia de Jesus

«O discernimento é uma arte, uma arte que se pode aprender». Assim conclui o Papa Francisco as catequeses sobre o discernimento, que ofereceu durante as Audiências de quarta-feira, de agosto de 2022 a janeiro de 2023, e que aqui se propõem numa colaboração da Libreria Editrice Vaticana com as Edições San Paolo.

Tratou-se de uma série de propostas de reflexão e de oração destinadas a formar nesta «arte do discernimento». Arte à qual não se deu suficiente atenção durante séculos no seio da Igreja. Agora está felizmente no centro da sua atenção e do seu caminho sinodal, graças também ao impulso do Papa Francisco.

No início destas catequeses, o Papa afirmou que «Discernir é um ato importante que se refere a todos, pois as escolhas constituem uma parte essencial da vida». É um facto que as escolhas nos constituem, determinam a nossa identidade. É por isso que é difícil sobrestimar a importância do discernimento.

Penso ser indiscutível que precisamente o nosso tempo, com a complexidade «líquida» que o caracteriza, torna o discernimento mais necessário do que nunca, pois já não é possível confiar, como talvez outrora, na pura observância das regras e hábitos familiares ou sociais. Entre estes, há uma pergunta fundamental: onde está, para mim, o maior amor? Algo que não pode ser definido *a priori*...

Poder-se-ia então dizer que nada nos liberta da «condenação» ao discernimento, se quisermos ser homens e mulheres livres. Até porque é bom que ninguém, absolutamente ninguém, decida por nós. Por isso estas catequeses são tão importantes, porque iluminam o acesso a esta arte com uma extraordinária simplicidade.

O Papa começa com algumas imagens do Evangelho para destacar como, na vida quotidiana, somos chamados a tomar decisões que exigem o nosso discernimento. Esta operação requer inteligência, perícia, vontade e disponibilidade para pagar os custos, que existem sempre. Diz o Papa Francisco, no seu estilo particularmente eficaz: «as escolhas importantes não se vencem com a lotaria, não; têm um preço e deves pagar esse preço».

Já na segunda catequese, o Papa faz referência a Santo Inácio de Loiola, um mestre reconhecido do discernimento espiritual, entre tantos outros homens e mulheres de Deus também mencionados. «Prestai atenção às coisas inesperadas», diz o Papa. Inácio soube estar atento ao que se passava dentro de si, por ocasião da convalescença que lhe adveio de uma grave ferida que tinha esmagado os

Prefácio

seus planos de vida, e aprendeu a conhecer como *o nosso coração nos fala de Deus*. Daqui nasceram os *Exercícios Espirituais*, um manual de oração e discernimento que atravessou os séculos, a ponto de constituir o fio condutor também nas catequeses de Francisco.

Um cartão de Boas Festas para o Natal dizia: «Faz como Deus: torna-te homem». As catequeses do Papa Francisco sobre o discernimento oferecem-nos um esplêndido ensinamento para prosseguirmos todos os dias, à luz da Palavra, no nosso tornarmo-nos homens.

Roma, 18 de janeiro de 2023

Introdução

por Giacomo Costa, sj

A estrutura em duas partes deste volume dedicado ao discernimento nos primeiros dez anos do magistério do Papa Francisco reflete a sua natureza peculiar: o discernimento é uma sabedoria e uma atitude do coração, não uma técnica ou uma metodologia organizacional. A sua aprendizagem requer estudo, mas não basta: deve-se praticá-la. A reflexão sobre o que se vive, em confronto com uma tradição espiritual e um acompanhante, permite que se torne um património vivo, tornando-o exprimível e comunicável.

A Parte I, que repropõe a série de 14 catequeses proferidas nas Audiências Gerais de quarta-feira, de 31 de agosto de 2022 a 4 de janeiro de 2023, constitui um guia para o discernimento, em particular na tradição da espiritualidade inaciana, aquela que o Papa Francisco vive pessoalmente. Com uma abordagem que podemos definir sistemática, as catequeses apresentam as suas pedras angulares numa linguagem viva e acessível.

A Parte II oferece, por sua vez, uma antologia de textos escolhidos sobre o discernimento, extraídos de documentos e discursos de todo o pontificado do Papa Francisco.

Por questões de espaço, foram selecionados os mais significativos, entre muitos em que o discernimento é recordado e ilustrado em situações concretas, ao serviço de processos de decisão levados a cabo pelos discípulos do Senhor abertos à ação do Espírito. Trata-se de excertos de textos mais longos, de teor diverso (desde simples respostas a perguntas e discursos, em diversas ocasiões, até exortações apostólicas e encíclicas), com indicação da fonte e a inserção de um título que exprima sinteticamente o seu conteúdo. Ainda mais numerosos seriam os textos nos quais o Papa Francisco oferece o fruto de seu discernimento pessoal sobre a realidade e a missão da Igreja – basta pensar nas duas grandes encíclicas sociais *Laudato si'* e *Fratelli tutti* –, temas que foram excluídos, não apenas por razões de espaço, mas sobretudo porque seria necessária uma introdução mais detalhada para dar a conhecer o caminho percorrido.

Nos textos da Parte II aparecem os mesmos elementos sobre os quais refletem as catequeses, mas não com a mesma forma ordenada: no concreto das situações, de facto, eles ocorrem em conjunto, mas a arte do discernimento identifica-os onde e quando aparecem. Entre as duas partes há um entrelaçamento contínuo: as catequeses não são as «instruções» que depois vêm aplicadas servilmente em situações concretas, como se fosse a montagem de um móvel ou de um programa de computador. Entre a teoria e a prática estabelece-se, em vez disso, uma fecunda circularidade, que as mantém vivas e sobretudo permite a quem discerne progredir e enfren-

tar novas situações e não apenas os casos ilustrados no manual. Como em qualquer arte, também no discernimento ocorrem espaços de criatividade e inovação, de adaptação a uma realidade em constante transformação, e não apenas a reprodução do já conhecido.

Os textos da Parte II não são apresentados por ordem cronológica, mas organizados em torno de três grandes núcleos ou secções, cada uma dividida em três capítulos. Desta forma, é possível fazer emergir alguns «eixos» (cf. *Laudato si'*, n.º 16) e evidenciar as muitas dimensões ou facetas que a prática do discernimento assume nas circunstâncias concretas. Dada a natureza orgânica do discernimento, os limites entre as diferentes partes nem sempre são claros, há constantes referências cruzadas e alguns textos poderiam mesmo ser suscetíveis de uma diferente colocação. O objetivo não é construir a melhor classificação, mas oferecer aos leitores um mapa que lhes permita moverem-se dentro da riqueza dos estímulos oferecidos pelo Papa Francisco.

Em particular, a secção A, «Na escuta do Espírito», evidencia a natureza profundamente espiritual da prática do discernimento: uma reflexão sobre a realidade que não pode deixar de acontecer em clima de oração e à luz da fé, porque visa identificar quais ações o Espírito nos pede para realizar. Como se lê num dos textos selecionados, o discernimento «baseia-se na convicção de que Deus atua na história do mundo, nos acontecimentos da vida, nas pessoas que encontro e me falam». Postula, portanto, que a história é orientada para o bem e por isso é um ato de

esperança para além de fé, cujo critério orientador é a alegria do Evangelho. É nesta leitura da realidade na fé e na esperança que se enraízam os três passos – reconhecer, interpretar e escolher – com os quais o Papa Francisco caracteriza o processo de discernimento: de facto, eles referem-se à profundidade teológica da realidade e do coração humano, dentro do qual atuam o bom e o mau espírito. Crucial se torna, assim, a consideração do papel da consciência, lugar de encontro e diálogo com o Mestre interior, que ajuda a escapar da tentação de se refugiar atrás de normas rígidas ou atrás de uma imagem idealizada de liberdade. O capítulo final da exortação apostólica *Gaudete et exsultate*, reproduzido na íntegra, permite articular a profundidade das questões referidas com a vida quotidiana dos crentes.

A secção B, «Um dinamismo comunitário», destaca como o discernimento, precisamente porque é uma prática espiritual, é sempre também uma ação eclesial: os dons do Espírito, do qual faz parte, assim como os talentos e os ministérios, são confiados aos indivíduos, mas sempre com vista à edificação da comunidade. Isto é verdade, seja quando o discernimento é feito em comum e envolve muitos – como no caso do Sínodo 2021-2024 –, seja quando se trata de um discernimento pessoal, que não pode prescindir do lugar do indivíduo na comunidade. O discernimento cruza aqui nós teológicos de grande profundidade, como sejam o *sensus fidei* do Povo de Deus ou o papel da autoridade no seio da Igreja e as modalidades do seu exercício. Consolida-se, por fim, com a consideração do

acompanhamento, que o Sínodo de 2018 dedicado aos jovens e a subsequente exortação apostólica *Christus vivit* definem como um ministério confiado à comunidade como um todo.

A secção C, «Chamados à missão», centra-se na orientação missionária que caracteriza um discernimento autenticamente espiritual e eclesial. A voz do Espírito chama e o discernimento visa identificá-la, mas sobretudo pôr-nos em movimento para a seguir. O léxico da missão e do envio entrelaça-se com o da vocação e do chamamento, assim como com o da conversão e da reforma. Não faltam, por fim, algumas ideias sobre a importância de recorrer ao discernimento dentro de áreas e missões específicas, mesmo que não estritamente eclesiais, tais como a universidade ou as novas tecnologias de comunicação.

O volume conclui-se com um testemunho: o Papa Francisco conta na primeira pessoa como descobriu o discernimento e começou a «percorrer este caminho» sem mais o abandonar. A prática do discernimento é um repto a tornar-se história de vida e o Papa Francisco convida-nos a não ficarmos apenas a escutar a sua experiência, mas a pôr-nos a caminho para construir a nossa.

Parte I

UM GUIA PARA O DISCERNIMENTO

As catequese de quarta-feira

1

O que significa discernir?

Audiência Geral de 31 de agosto de 2022

Hoje iniciamos um novo ciclo de catequeses: terminámos as catequeses sobre a velhice, agora começamos um novo ciclo sobre o tema do *discernimento*. Discernir é um ato importante que se refere a todos, pois as escolhas constituem uma parte essencial da vida. Discernir as escolhas. Escolhe-se uma comida, uma roupa, um percurso de estudos, um emprego, uma relação. Em tudo isto realiza-se um projeto de vida e também se concretiza a nossa relação com Deus.

No Evangelho, *Jesus fala do discernimento com imagens tiradas da vida comum*; por exemplo, descreve os pescadores que selecionam os peixes bons e descartam os maus; ou o comerciante que sabe identificar, entre muitas pérolas, a de maior valor. Ou aquele que, lavrando um campo, se depara com algo que se revela um tesouro (cf. *Mt 13, 44-48*).

À luz destes exemplos, o discernimento apresenta-se como um exercício de *inteligência*, também de *perícia* e inclusive de *vontade*, para reconhecer o momento favorável: são estas as condições para fazer uma boa escolha. É preciso inteligência, perícia e também vontade para fazer

uma boa escolha. E há ainda um custo necessário para que o discernimento se torne viável. Para desempenhar a sua profissão da melhor forma, o pescador tem em consideração o cansaço, as longas noites passadas no mar, e além disso descarta uma parte da pesca, aceitando uma perda do lucro para o bem daqueles a quem se destina. O mercador de pérolas não hesita em gastar tudo para comprar aquela pérola; e o homem que se deparou com um tesouro faz o mesmo. Situações inesperadas, não programadas, onde é fundamental reconhecer a importância e urgência de uma decisão a tomar. Cada um deve tomar decisões; não há ninguém que as tome por nós. Numa certa altura os adultos, livres, podem pedir conselhos, pensar, mas a decisão é pessoal; não se pode dizer: «Perdi isto porque o meu marido decidiu, a minha esposa decidiu, o meu irmão decidiu»: não! Tu deves decidir, cada um de nós deve decidir, e por isso é importante saber *discernir*: para decidir bem, é necessário saber discernir.

O Evangelho sugere outro aspeto importante do discernimento: ele *envolve os afetos*. Quem encontrou o tesouro não tem dificuldade em vender tudo, tão grande é a sua *alegria* (cf. *Mt* 13, 44). O termo usado pelo evangelista Mateus indica uma alegria totalmente especial, que nenhuma realidade humana pode dar; e, com efeito, repete-se em pouquíssimas outras passagens do Evangelho, todas elas relativas ao encontro com Deus. É a alegria dos Magos quando, depois de uma viagem longa e árdua, veem de novo a estrela (cf. *Mt* 2, 10); é a alegria das mulheres que regressam do sepulcro vazio depois de

O que significa discernir?

terem ouvido o anúncio da ressurreição, feito pelo anjo (cf. *Mt* 28, 8). É a alegria de quem encontrou o Senhor! Tomar uma *boa* decisão, uma decisão certa, leva-te sempre àquela alegria final; talvez ao longo do caminho tenhamos de sofrer um pouco de incerteza, pensar, procurar, mas no final a decisão certa beneficia-te com a alegria.

No *juízo final* Deus fará um discernimento – um grande discernimento – em relação a nós. As imagens do camponês, do pescador e do comerciante são exemplos do que acontece no reino dos Céus, um Reino que se manifesta nas ações comuns da vida, que exigem uma tomada de posição. Por isso é muito importante saber discernir: as grandes escolhas podem surgir de circunstâncias à primeira vista secundárias, mas que se revelam decisivas. Por exemplo, pensemos no primeiro encontro de André e João com Jesus, um encontro que nasce de uma simples pergunta: «Rabi, onde moras?» – «Vinde ver!» (cf. *Jo* 1, 38-39), diz Jesus. Um diálogo muito breve, mas é o início de uma mudança que, passo a passo, marcará a vida inteira. Anos mais tarde, o Evangelista continuará a lembrar-se daquele encontro que o mudou para sempre, recordando-se até da hora: «Eram cerca das quatro horas da tarde» (v. 39). Foi a hora em que o tempo e o eterno se encontraram na sua vida. E, numa decisão boa, certa, encontra-se a vontade de Deus com a nossa vontade; encontra-se o caminho atual com o eterno. Tomar uma decisão certa, depois de um caminho de discernimento, significa fazer este encontro: o tempo com o eterno.

Portanto: conhecimento, experiência, afetos, vontade: eis alguns elementos indispensáveis para o discernimento. No decurso destas catequese veremos outros, igualmente importantes.

O discernimento – como eu dizia – exige *esforço*. Segundo a Bíblia, não encontramos diante de nós, já embalada, a vida que devemos viver: não! Devemos decidí-la continuamente, de acordo com as realidades que se apresentam. Deus convida-nos a avaliar e a escolher: criou-nos livres e quer que exerçamos a nossa *liberdade*. Por isso, discernir é *difícil*.

Vivemos frequentemente esta experiência: escolher algo que nos parecia bom e, no entanto, não o era. Ou saber qual era o nosso verdadeiro bem e deixar de o escolher. O homem, diversamente dos animais, pode errar, pode não desejar escolher de modo correto. A Bíblia mostra-o a partir das suas primeiras páginas. Deus dá ao homem uma instrução exata: se quiseres viver, se quiseres desfrutar da vida, lembra-te que és criatura, que não és o critério do bem e do mal, e que as escolhas que fizeres terão uma consequência para ti, para os outros e para o mundo (cf. *Gn 2, 16-17*); podes fazer da terra um jardim magnífico, ou podes transformá-la num deserto de morte. Um ensinamento fundamental: não é por acaso que se trata do primeiro diálogo entre Deus e o homem. O diálogo é: o Senhor dá a missão, é preciso fazer isto e aquilo; e o homem, a cada passo que dá, deve discernir qual é a decisão a tomar. O discernimento é aquela reflexão da mente, do coração que devemos fazer antes de tomar uma decisão.

O que significa discernir?

O discernimento é árduo, mas indispensável para viver. Requer que eu me conheça, que saiba o que é bom para mim aqui e agora. Exige sobretudo uma *relação filial com Deus*. Deus é Pai e não nos deixa sozinhos, está sempre disposto a aconselhar-nos, a encorajar-nos, a acolher-nos. Mas nunca impõe a sua vontade. Porquê? Porque quer ser amado, não temido. E Deus também quer que sejamos filhos, não escravos: filhos livres. E o amor só pode ser vivido na liberdade. Para aprender a viver é preciso aprender a amar, e por isso é necessário discernir: o que posso fazer agora, diante desta alternativa? Que seja um sinal de mais amor, de mais maturidade no amor. Peçamos que o Espírito Santo nos guie! Invoquemo-lo todos os dias, especialmente quando devemos fazer escolhas. Obrigado!

ÍNDICE

Prefácio	
<i>A importância do discernimento</i> – Arturo Sosa Abascal, sj	5
Introdução – Giacomo Costa, sj	9

Parte I

Um guia para o discernimento

As catequeses de quarta-feira

1. O que significa discernir?	17
2. Um exemplo: Inácio de Loyola	23
3. Os elementos do discernimento. A familiaridade com o Senhor	29
4. Os elementos do discernimento. Conhecer-se a si mesmo	35
5. Os elementos do discernimento. O desejo	41
6. Os elementos do discernimento. O livro da própria vida ...	47
7. Os elementos do discernimento. A desolação	53
8. Porque estamos desolados?	59
9. A consolação	65
10. A consolação autêntica	71
11. A confirmação da boa escolha	77
12. A vigilância	81
13. Algumas ajudas para discernir	87
14. O acompanhamento espiritual	95

Parte II

A prática do discernimento na vida da Igreja

Encontros, discursos, ensinamentos

A. Na escuta do Espírito	105
1. Tornar-se discípulos	105
<i>Reconhecer, interpretar, escolher</i>	105
<i>Uma disposição interior que radica num ato de fé</i>	106
<i>Para uma fé dinâmica e ativa</i>	107
<i>O Espírito de Deus em ação na realidade humana e cultural</i>	110
2. Escutar a voz da consciência: entre a norma e a liberdade	113
<i>Jesus quer-nos livres</i>	113
<i>Apenas no silêncio da oração se pode aprender a voz de Deus</i>	114
<i>Formar as consciências, não substituí-las</i>	116
<i>Discernimento, norma e consciência</i>	117
3. Um dom a pedir	121
B. Um dinamismo comunitário	127
4. Beleza e força do instinto de fé	127
<i>O Espírito opera em todos os batizados</i>	127
<i>Caminhar em conjunto entre entusiasmo e cansaço</i>	128
5. Uma autoridade capaz de discernimento	130
<i>O discernimento é um dom do Espírito à Igreja, ao qual se responde com a escuta</i>	130
<i>Não estamos e não vamos sozinhos</i>	133
<i>Consciência pessoal e responsabilidade colegial</i>	137
<i>Aos pés da humanidade</i>	138

Índice

6. Uma comunidade que acompanha	140
<i>A Igreja precisa de crescer na capacidade de discernir</i>	140
<i>Oferecer ferramentas para enfrentar a vida</i>	141
<i>A primeira coisa é ouvir</i>	142
<i>Discernir para acompanhar, acompanhar para discernir</i>	145
C. Chamados à missão	149
7. Discernimento e missão	149
<i>Missão e conversão</i>	149
<i>Tentações dos discípulos missionários</i>	151
8. «Para quem sou eu?»: Discernir para responder	155
<i>Vislumbrar o mistério</i>	155
« <i>Não temer!</i> »	158
<i>O matrimónio é uma vocação</i>	162
9. Lugares de discernimento	163
<i>O teólogo, na humilde escuta dos sinais dos tempos</i>	163
<i>A Universidade como lugar de sabedoria</i>	164
<i>Discernir as novas tecnologias</i>	165
<i>Quais as prioridades para um empreendimento?</i>	166
Conclusão	
« <i>Esta é a minha experiência</i> »	169
Índice	173